

## FREUD EXPLICA? A PSICANÁLISE ENTRE O SENSO COMUM, A IDEOLOGIA E A CIÊNCIA

*David Borges Florsheim\**

*Manoel Tosta Berlinck\*\**

### RESUMO

Quase todo psicanalista já ouviu a afirmação “Freud explica”, mesmo proveniente de pessoas leigas no assunto. Utilizando as concepções de Clifford Geertz, o fundador da antropologia hermenêutica, buscamos pensar tal afirmação levando em consideração suas aplicações enquanto senso comum e ideologia. Além disso, considerando também algumas diferenças entre ciências humanas e ciências naturais – principalmente no que se refere aos conceitos de compreensão e explicação – buscamos problematizar o estatuto epistemológico da psicanálise. Nossa conclusão refere-se à valorização de uma constante relativização e crítica dos conhecimentos que nos parecem dados e/ou óbvios.

Palavras-chave: psicanálise; senso comum; ideologia; ciência.

FREUD EXPLAINS THIS? PSYCHOANALYSIS BETWEEN COMMON SENSE, IDEOLOGY AND SCIENCE

### ABSTRACT

*Almost every psychoanalyst has heard the statement “Freud explains this”, even from laypeople. We tried to evaluate this statement using the conceptions*

---

\* Graduado em Psicologia (PUC-SP) e em Ciências Sociais (USP). Especialista em Psicologia da Saúde e em Psicoterapia Psicodinâmica dos Transtornos de Personalidade (ambas pela UNIFESP/Escola Paulista de Medicina). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. Doutorando do Instituto de Psicologia da USP.

\*\* Sociólogo, psicanalista, Ph.D. (Cornell University), Professor da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Presidente da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, autor de *Psicopatologia Fundamental* (2000) e de *Erotomania* com German E. Berrios (2009), entre outros livros e numerosos artigos.

*of Clifford Geertz, founder of hermeneutic anthropology, and taking into consideration the application of his conceptions both as common sense and ideology. We also tried to evaluate the epistemological status of psychoanalysis, considering also some differences between the human and the natural sciences – mainly concerning the concepts of understanding and explanation. Our conclusion refers to the valorization of a constant relativization and criticism of knowledge that seems either given or obvious.*

*Keywords: psychoanalysis; common sense; ideology; science.*

*No fundo, toda religião é uma religião de amor para aqueles que a abraçam, e tende à crueldade e à intolerância para com os não seguidores. [...] Se outra ligação de massa toma o lugar da religiosa, como a socialista parece estar fazendo, ocorre a mesma intolerância com os de fora que havia na época das lutas religiosas, e se as diferenças de concepções científicas viessem a ter, algum dia, importância igual para as massas, o mesmo resultado se repetiria também com essa motivação.*

(Freud, 1921/2011, p. 54)

A afirmativa “Freud explica” pode ser entendida em ao menos três sentidos diferentes: o de senso comum, o ideológico e o científico. Cada um deles implica em diferentes concepções no que se refere ao estatuto do conhecimento psicanalítico. Longe de pensarmos esses sentidos como uma espécie de evolução positivista do conhecimento, como se a um estágio sucedesse o próximo, o intuito aqui é refletir sobre algumas decorrências clínicas e políticas referentes ao uso do conhecimento.

A existência de variadas controvérsias no campo da psicopatologia não é novidade para aqueles que se dedicam a esse tema. Neste momento histórico no qual o DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) chega a sua quinta edição, muito já foi escrito e falado a respeito do distanciamento entre algumas formas de psiquiatria e a psicanálise. Isso acontece ao menos desde a terceira edição desse manual (de 1987) e, desde então, mútuas acusações são trocadas. De um lado diversos psicanalistas criticam o reducionismo, o fisicalismo e o interesse financeiro dos manuais diagnósticos e, de outro lado, muitos psiquiatras afirmam que a psicanálise não está mais no mainstream do tratamento

psicopatológico (e, portanto, não deveria mais ser utilizada).

Nossa proposta é pensar algumas formas pelas quais a psicanálise é pensada e aplicada, pois, segundo acreditamos, isso é fundamental para que o diálogo com o diferente possa verdadeiramente acontecer. Conhecermos e assumirmos nossas premissas e posições nos parece um pré-requisito para lidarmos com a alteridade. Vejamos, portanto, o primeiro sentido com o qual iremos trabalhar.

## A PSICANÁLISE ENQUANTO SENSO COMUM

Quase todo psicanalista já deve ter ouvido a afirmativa “Freud explica”, mesmo de pessoas leigas no assunto. Normalmente ela vem acompanhada de questões relacionadas ao que comumente se entende como complexo de Édipo ou mesmo em relação à sexualidade de forma geral. Isso sugere a possibilidade de o conhecimento psicanalítico se fazer presente no pensamento do senso comum ou pelo menos no senso comum de uma classe mais instruída intelectualmente.

O que é o senso comum, entretanto? Normalmente ele se refere ao óbvio e a um saber próprio às pessoas que compartilham um determinado contexto. Segundo o dicionário Houaiss (2001, p. 2547), o senso comum é o “conjunto de opiniões, ideias e concepções que, prevalecendo em um determinado contexto social, se impõem como naturais e necessárias, não evocando geralmente reflexões ou questionamentos”.

A concepção de Clifford Geertz, fundador da antropologia hermenêutica é, contudo, diferente dessa. Segundo ele, o senso comum é um resultado de reflexões deliberadas sobre a experiência e pode ser questionado, discutido, formalizado e até ensinado, podendo variar de pessoa para pessoa. Ou seja, o senso comum é um sistema cultural como qualquer outro e se baseia fundamentalmente na convicção do seu valor, sustentada pelos envolvidos num determinado contexto.

O caráter empírico do senso comum resulta em saberes entendidos como óbvios. Contudo, tais saberes vão se expandindo

até abranger um território gigantesco de coisas que são consideradas como certas e inegáveis. [...] Ninguém, ou pelo menos ninguém cujo

cérebro funcione bem, duvida que a chuva molhe; mas podem existir pessoas que questionem a proposição de que obrigatoriamente devemos abrigar-nos dela, e que achem que enfrentar os elementos é uma forma de fortalecer nosso caráter (Geertz, 2006, p. 114).

O senso comum supõe o bom senso, ou seja, a correta aplicação dos saberes. A questão problemática é que, assim como todos estão inseridos num sistema cultural, também todos costumam julgar ter bom senso. Como afirma Montaigne (2000, p. 43): “Diz-se comumente que a partilha mais justa que fez a natureza, de seus dons, foi a do bom senso, pois não há quem não esteja satisfeito com sua parte”.

Ao estudar a cultura de uma comunidade da África, os azande, Evans-Pritchard, um importante antropólogo inglês, se deparou com um menino que havia batido o pé num toco de árvore e ficou com o dedo infeccionado. Para o menino isso ocorreu devido a alguma feitiçaria. Evans-Pritchard, utilizando o senso comum próprio de sua cultura, disse: “Bobagem, você não teve cuidado, tinha que olhar com mais atenção onde pisa” (citado por Geertz, 2006, p. 118). Mas o menino rebateu o argumento afirmando estar olhando onde pisava e, caso não estivesse enfeitiçado, certamente teria visto o toco de árvore. Além disso, segundo ele, os cortes costumam cicatrizar rápido e não era o caso daquele (justamente por se tratar de feitiço).

Noutra vez o próprio Evans-Pritchard estava mal do estômago e se questionou, na frente de um azandiano, se não seria devido a todas as bananas que havia comido na noite anterior. “Bobagem, banana não faz mal, deve ter sido feitiço” (citado por Geertz, 2006, p. 119). Com esses exemplos percebe-se que o feitiço, para os azandianos, é uma ideia aplicável em inúmeras situações, cujo efeito reassegura a confiabilidade de sua visão de mundo. Se conseguirmos explicar as razões ocultas dos fenômenos, então podemos viver com um pouco mais de certezas e confiança. O interessante é o fato de esse lado oculto ser sempre explicado da mesma forma – nesse caso, feitiço.

Essa forma de procedimento remete a uma experiência com crianças pequenas. Nela um pesquisador pega objetos diferentes e uma bacia de água e pede para a criança dizer, antes de os colocar na água, quais objetos irão boiar e quais irão afundar. Quando confrontadas com uma

discrepância entre o que disseram e o que ocorreu, as crianças buscaram explicações imediatas, ainda que não convincentes, para dar conta do fenômeno: “O clipe afundou porque é pesado” ou “A bola boiou porque tem esse formato”.

Uma das características do saber de senso comum é tentar tornar o mundo mais previsível e menos ameaçador. Há uma tentativa de controle sobre aquilo passível de falhar em nossas apreensões da realidade. Em nossa sociedade percebe-se isso claramente com as diferentes formas de superstição existentes como, por exemplo, os diversos tipos de proteção contra o mau olhar, o uso de certas roupas quando o time preferido vai jogar ou não passar por baixo da escada. Dessa forma, seja nos protegendo de antemão com saberes ou buscando explicar algo ocorrido, as ideias do senso comum se fazem presentes também por nossa busca de controle do mundo. E, como podemos observar, comumente há componentes irracionais quando se recorre a entendimentos desse tipo.

A psicanálise, bem como diversas áreas do conhecimento, afetou os conceitos do senso comum de uma grande parte do mundo. Porém o homem comum frequentemente não vê tais conceitos como parte de uma teoria científica articulada, mas sim como o próprio bom senso ou até mesmo como a realidade em si. Questões edípicas, portanto, são comumente consideradas como algo dado do ser humano, bem como as intenções inconscientes num sonho. Sonhou que sua mãe estava com você numa cama? Freud explica. Cometeu um lapso de linguagem? Freud explica. Há, portanto, uma explicação dada de antemão, de forma que o fenômeno não nos surpreende, havendo um mecanismo similar ao do menino azandiano. Há também explicações elaboradas imediatamente após o fenômeno ocorrer e, por mais irracionais que sejam, constituem como uma forma de nos reassegurarmos da confiabilidade de nossas visões de mundo.

Dentro da comunidade psicanalítica isso ocorre com frequência. Por exemplo, se um clínico cometeu algo excêntrico durante a sessão, pode ser acusado de ter atuado com o paciente, de forma que provavelmente estava sentindo uma forte contratransferência. Se o analista negar isso frente aos demais, buscando explicar o fato de outro modo, de outra perspectiva, provavelmente será acusado de estar tendo resistências (uma vez que a explicação se confunde com uma realidade inegável). Nesse

ponto começa-se a entrar num outro domínio, abordado a seguir.

## A PSICANÁLISE ENQUANTO IDEOLOGIA

O segundo sentido que pode ser atribuído à afirmação “Freud explica” se refere a uma questão ideológica. “Freud explica” é passível de ser entendido como “apenas Freud explica” e ninguém mais, ou então “apenas a psicanálise explica” e nenhuma outra teoria. Nisso fica implícito que Jung não explica, Skinner não explica, Heidegger não explica, enfim, só Freud e a psicanálise é que possuiriam os recursos necessários para dar conta de se entender a subjetividade humana.

Iremos aqui utilizar o pensamento de Geertz novamente, uma vez que lida com tal assunto de maneira bastante original. Em seu texto intitulado “A ideologia como sistema cultural” (2008) o autor chama a atenção para o fato de ser uma pequena ironia da história intelectual moderna o fato de o próprio termo “ideologia” ter-se tornado ele mesmo ideológico.

Mas o que é ideologia? Existem várias definições possíveis para o termo. O sentido marxista talvez seja ainda um dos mais utilizados e se refere a uma falsa consciência de classe, além de outros sentidos. Outro conceito de ideologia, o do dicionário Houaiss (2001, p. 1565), se refere a “um conjunto de ideias, crenças e atitudes que representam entendimentos sobre o mundo social e político”. Vamos, no entanto, entender o termo seguindo o raciocínio de Geertz em seu texto. Num primeiro sentido, político, trata-se de uma visão normalmente dualista que opõe um “nós” aos “eles”, sendo esses últimos encarados normalmente como perversos. Nessa visão fica subentendida uma ideia central: quem não está conosco está contra nós.

Isso também pode ser pensado dentro do universo da psicanálise como, por exemplo, lacanianos e psicologia do ego, sociedade de psicanálise e os que se encontram fora dela, etc. Sabemos da existência de questões políticas nesses embates, de forma que podemos aplicar o conceito de ideologia nesse contexto. A criação de um “nós” e um “eles” aparece com frequência na história da psicanálise pós-Freud, como na rixa entre Melanie Klein e Anna Freud. Mesmo no próprio Freud, em seu texto “Psicanálise e telepatia” (1914/2011), por exemplo, existe a nomeação de “inimigos” referente aos que discordam da teoria psicanalítica.

Geertz (2008) aponta para o fato de tal concepção dualista ser alienante, no sentido de que quem a adota desconfiar, atacar e trabalhar para destruir instituições políticas estabelecidas. Esse processo fica claro com a tentativa de regulamentação da profissão de psicanalista, por exemplo, no sentido de algumas instituições buscarem serem as únicas credenciadas para o ensino da prática (e isso consequentemente implicaria a destruição das demais).

Outro bom exemplo dessa alienação se refere ao fechamento de uma instituição paulistana que atende crianças e adolescentes com o referencial da psicanálise. Segundo a justificativa, a instituição supostamente não corresponderia ao mainstream do tratamento psíquico atual, ou seja, os tratamentos farmacológicos. Percebe-se como não houve justificativas concretas para o fechamento da instituição acontecer, mas apenas a alegação de que a teoria não estava mais “na moda”.

Essa posição dualista é frequentemente doutrinária, pelo fato de reclamar a posse completa e exclusiva da verdade e também (e fundamentalmente), por abominar o diálogo. Isso fica evidente de várias formas no mundo psicanalítico como, por exemplo, na busca constante em provar que o autor utilizado é quem “de fato” entendeu Freud mais profundamente. Isso também ocorre ao se fazer leituras da obra freudiana utilizando uma concepção própria, mas afirmando ser freudiano. Ou então ao afirmar: existe uma única realidade; essa realidade é que o inconsciente existe; logo, quem não acredita nisso é ingênuo e superficial.

Além dessa concepção política há outra concepção de ideologia chamada por Geertz (2008) de “médica”, uma vez que é considerada como uma doença, uma espécie de defesa contra a ansiedade. Nesse sentido ela seria comparável ao alcoolismo ou até ao roer unhas. Há quatro explicações para essa concepção.

A primeira é a explicação catártica, segundo a qual a tensão emocional seria esvaziada por sua transposição a inimigos simbólicos (por exemplo, “os lacanianos”, “a psicologia do ego” ou “os behavioristas”). Em geral percebe-se uma falta de conhecimento quando se realiza essa prática. O bode expiatório que o outro se torna é frequentemente fundado em ideias estereotipadas e até mesmo erradas, mas que possibilitam a catarse coletiva. A alteridade fica invariavelmente reduzida a caricaturas ingênuas.

A segunda explicação para essa concepção de ideologia é moral, se referindo à característica de a ideologia sustentar os indivíduos em face da pressão negando-a totalmente e/ou legitimando-a em termos de valores elevados. Isso acontece, por exemplo, quando o paciente abandona o tratamento sem dizer nada e logo pensamos tratar-se de uma resistência dele em não querer lidar com seu lado mais obscuro ou com “A Realidade”. Certamente parece mais difícil considerar ter ocorrido uma má condução da transferência por parte do analista, por exemplo.

A terceira explicação para a concepção médica de ideologia é a da solidariedade. Ela ocorre, pois tal forma de ideologia tem o poder de unir um grupo ou classe social pela criação de símbolos (como as bandeiras, os líderes etc.). O próprio fato de alguém se nomear “kleiniano” ou “lacaniano”, por exemplo, já constitui uma característica semelhante à de seitas. Será que realmente faz sentido tais nomeações identitárias num saber que almeja a cientificidade? Ou seja, o compromisso maior é com o líder, com o saber clínico/metapsicológico ou com o sofrimento psíquico dos pacientes?

Por fim a última explicação é a advocatória, em que se realiza a articulação das tensões que impelem a ideologia, forçando-as ao reconhecimento público (por exemplo, a crítica exaustiva aos males que a psiquiatria faz ao mundo com o uso dos CIDs e DSMs). Quanto a isso é curioso perceber como é raro haver elogios às medicações em textos psicanalíticos – elas costumam ser entendidas mais como inimigas. É claro que há os dois lados da moeda, mas geralmente só ouvimos um desses dois lados, até mesmo por pessoas distantes da prática de atendimentos clínicos.

Essas foram algumas formas de entender a ideologia no interior da psicanálise. Consideramos importante afirmar que, dependendo do conceito de ideologia, ela, em certo sentido, sempre existe em nós. Assim, o exercício de explicitá-la para nós mesmos talvez já seja meio caminho andado para não se precisar fazer um uso bélico das ideias.

## A PSICANÁLISE ENQUANTO CIÊNCIA

O último sentido da afirmação “Freud explica” pode ser colocado em forma de questão: Freud utiliza a explicação como recurso metodológico de apreensão do mundo e do ser humano? Essa é uma pergunta passível de parecer sem sentido caso não entendamos algumas questões prévias.



Na chamada controvérsia sobre o método alemão (Methodenstreit) do fim do século XIX e começo do século XX, ficou famosa a divisão entre ciências humanas e ciências naturais. Como afirma Schutz (1954), a questão era saber se as ciências humanas deveriam adotar métodos próprios de investigação ou se deveriam usar os métodos já reconhecidos das ciências naturais. Ao contrário dos positivistas, defensores desta última opinião e da concepção de que as ciências derivam de um tronco único, a matemática, autores como Wilhelm Dilthey eram favoráveis à separação:

O conjunto de fatos espirituais que se enquadram neste conceito de ciência normalmente divide-se em dois membros, um dos quais se designa com o nome de ciência natural, e para o outro não existe, o que é bastante surpreendente, nenhuma denominação universalmente reconhecida. Eu me junto ao uso terminológico daqueles pensadores que denominam ciências do espírito esta outra metade do globus intellectualis. Em primeiro lugar, esta denominação – até pela ampla difusão da Lógica de J. S. Mill – se tornou habitual e compreensível de forma geral. Em segundo lugar, comparada com todas as demais denominações inadequadas entre as que se pode utilizar, esta parece a menos inadequada (Dilthey, 1986, p. 40-41, tradução nossa).

Vemos, portanto, que Dilthey está reforçando a diferenciação entre os dois tipos de ciência e, ao longo de seu livro *Introdução às ciências do espírito* (1986), busca formular concepções a respeito dessa diferença. Nesse trecho o autor situa John Stuart Mill como uma importante referência quanto à separação entre essas formas de ciência. O termo “espírito”, derivado de Geist em alemão, e praticamente impossível de ser traduzido, nomeia as Geisteswissenschaften (ciências do espírito numa tradução mais literal, mas normalmente traduzido por “ciências humanas”).

Para Dilthey (1986) a separação é importante, pois as ciências humanas não possuiriam como objeto de estudo as regularidades do mundo natural próprias às ciências naturais (Naturwissenschaften). Nesse contexto de controvérsias metodológicas é creditada ao historiador Johann Gustav Droysen a separação entre compreensão e explicação. Assim, o método explicativo das ciências naturais buscaria a explicação de um fenômeno em termos de causa e efeito, partindo de algo geral (como uma lei da natureza) para se chegar ao particular. Já o método de compreensão, próprio às ciências humanas, refere-se a uma busca de

entendimento considerando a relação entre o todo e suas partes.

Portanto, questionar se Freud explica remete à questão: Freud (e a psicanálise) utiliza a explicação como recurso? Dito de outro modo: a psicanálise é uma ciência natural? De acordo com Freud, no texto “Resistências à psicanálise” (1925/1996), a psicanálise é uma ciência natural como qualquer outra. Como vemos nos estudos de epistemologia freudiana, Freud sempre buscou embasar seus conceitos em questões físicas e químicas, seguindo principalmente o exemplo de seu professor de anatomia, Ernst Brücke. Como sabemos, o próprio termo “psicanálise” provém da química analítico-orgânica de Liebig (Assoun, 1983).

Apesar das concepções freudianas há atualmente muitos entendimentos diferentes a respeito da psicanálise. A visão de senso comum costuma classificá-la como uma ciência humana e o mesmo ocorre em muitas universidades e agências de fomento à pesquisa. Outros, no entanto, a entendem como uma ciência que está na fronteira entre as ciências humanas e as ciências naturais. Há também aqueles que nem a entendem como ciência. Com isso podemos pensar a psicanálise como um objeto de estudo bastante interessante do ponto de vista epistemológico, devido às várias concepções existentes a seu respeito.

A questão principal para nós, contudo, é pensar: por que existe uma importância tão grande em considerar a psicanálise como ciência? A resposta talvez seja imediata, visto a própria insistência de Freud em afirmar isso: deve-se à atitude do meio científico em aceitar um saber como válido apenas se for científico. Criam-se questões, entretanto, no sentido de haver diversas concepções diferentes de ciência, mas nem sempre os saberes serem assim considerados. No entanto não podemos deixar de perguntar: por que apenas o conhecimento considerado científico deve ser o conhecimento considerado válido?

Essa concepção é característica do naturalismo que acompanha as ciências naturais. Segundo ela, há apenas uma Verdade e uma Realidade e apenas os métodos científicos poderiam alcançá-las. Por isso muitos psicanalistas comemoram quando as ciências naturais publicam algo sugerindo uma eficácia da psicanálise. Isso se dá atualmente na relação entre psicanálise e neurociência, por exemplo: a esperança é que a neurociência – universalmente reconhecida como ciência – chegue às mesmas conclusões que os psicanalistas acerca do psiquismo. Isso

garantiria a “Verdade” da psicanálise.

Outros autores rejeitam a ideia de que há apenas uma única Realidade, de forma que nossos conhecimentos seriam sempre provisórios e determinados pelos contextos nos quais estão inseridos. Desse modo, não seria necessário tentar enquadrar os conhecimentos como científicos, pois a validade poderia ser determinada segundo outros critérios que não essa forma de objetividade, por exemplo. Segundo Smolin (1997):

A presunção de que aquilo que é atemporal é de alguma forma melhor, mais real ou mais verdadeiro do que aquilo que é limitado ao tempo é essencialmente uma ideia religiosa que, mais cedo ou mais tarde, entra em conflito com o nosso desejo de ter uma compreensão racional do mundo no qual nos encontramos (Smolin, 1997, p. 210 tradução nossa).

Na citação inicial deste artigo, Freud previa a possibilidade de no futuro as pessoas lidarem com a ciência de forma semelhante à forma pela qual lidavam com a religião. De certa maneira parece termos chegado a esse ponto há algum tempo. A imposição de uma concepção objetivista de conhecimento pensada sob a perspectiva de uma evolução linear do mesmo (levando à Verdade final e à descoberta da Realidade) dificulta o diálogo entre áreas do saber que utilizam metodologias diferentes. No caso da psicanálise e de outros saberes do campo psicopatológico, parece mais coerente realizar uma avaliação qualitativa pelo impacto clínico nos pacientes do que impor reducionismos de quaisquer tipos. É crucial atentar para o fato de a epistemologia e a política se interligarem frequentemente, de forma que justificativas teóricas e metodológicas podem servir como disfarce para intolerâncias típicas de massas e seitas.

Tendo em vista as considerações acima concluímos que “Freud explica” é uma afirmativa que deve se limitar ao seu uso coloquial. Mesmo não evocando a frase desse modo, podemos cair em armadilhas do senso comum, da ideologia e da própria ciência que nos fazem ter mais certezas do que dúvidas. Para quem busca compreender os fenômenos da forma mais aberta possível – ainda que a neutralidade seja impossível – cabe mais: “Freud explica?” (de forma interrogada). Isso também se aplica para quem valoriza um real diálogo com o diferente (ao invés de mera tolerância), bem como para aqueles que não possuem uma resposta definitiva com relação aos estatutos epistemológicos e políticos da psicanálise.

## REFERÊNCIAS

- Assoun, P.-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dilthey, W. (1986). *Introducción a las ciencias del espíritu: ensayo de una fundamentación del estudio de la sociedad y de la historia*. Madrid: Alianza Editorial.
- Freud, S. (1921/2011). Psicologia das massas e análise do eu. In *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1925 [1924]/1996). Las resistencias contra el psicoanálisis. In *Obras completas de Sigmund Freud*, t. III. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1914/2011). Psicanálise e telepatia. In *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Geertz, C. (2006). *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Houaiss, A., & Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Montaigne, M. (2000). *Ensaio*. São Paulo: Editora Nova Cultural.
- Schutz, A. (1954). A formação de conceitos e teorias nas ciências sociais. Trad. José Jeremias de Oliveira Filho. Publicado originalmente com o título: "Concept and theory formation in the social sciences". *Journal of Philosophy*, 51(9), 257-273.
- Smolin, L. (1997). *The life of the cosmos*. New York: Oxford University Press.

Recebido em: 20/02/2015

Aceito para publicação em: 13/06/2015